

Mar plastificado Uma semana a bordo. Nenhum continente ou ilha fica a menos de mil quilômetros do ponto em que estamos agora. No meio do Atlântico Sul, a tripulação do veleiro *Sea Dragon* avalia que o oceano parece limpo. Mas a miragem se desmancha nas mãos do cientista americano Marcus Eriksen, do projeto 5 Gyres: após deslizar um coletor por uma hora na superfície da água, ele exhibe uma coleção de fragmentos de plástico.

Os mares do mundo foram invadidos por uma praga quase invisível, o lixo plástico, em boa parte arrastado das cidades pelo curso dos rios (ilustração nas páginas seguintes). Os resíduos não chegam a formar ilhas flutuantes, mas uma fina camada de fragmentos está presente em todo o percurso da expedição – 3,5 mil quilômetros entre o Rio de Janeiro e a ilha de Ascensão, uma possessão britânica. Nem uma vez recolhemos o coletor sem plástico. Em viagens pelos maiores giros oceânicos do mundo, o 5 Gyres obteve os mesmos resultados. O que varia é a densidade de fragmentos (abaixo).

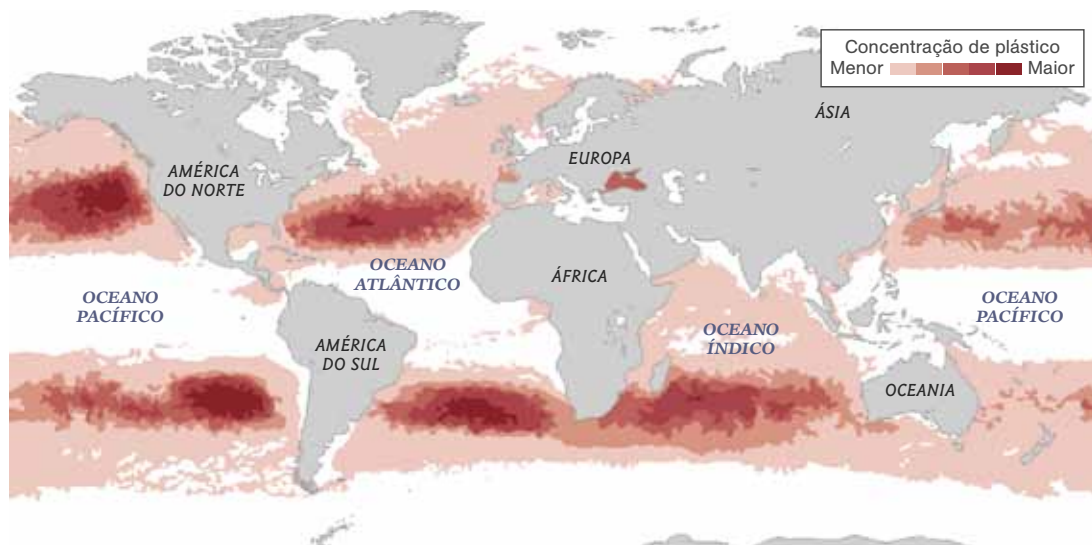
O lixo é mais nocivo do que aparenta. Enquanto viaja, o plástico entra em contato com os poluentes orgânicos persistentes (POPs), uma categoria de contaminantes de longa duração no ambiente – caso do pesticida DDT e das dioxinas. “Um fragmento de plástico circulando há alguns anos no mar chega a ter uma concentração de POPs 1 milhão de vezes maior que a água a seu redor”, diz Eriksen.

Isso acontece porque esse lixo e os poluentes têm a mesma origem – o petróleo – e possuem afinidade química. Assim, os organoclorados dispersos na água aderem ao plástico “viajante”. Pobre do animal que engolir a mistura indigesta: não conseguirá metabolizar o plástico e sofrerá os efeitos da contaminação.

Vazamentos e naufrágios são fontes de lixo e POPs, mas apenas de uma ínfima parte. “A grande maioria dos resíduos sai de cidades e lixões em terra. São despejados diretamente nos rios ou carregados pelas enxurradas até terminar no mar”, conta Eriksen. – Por Liana John

Os giros oceânicos

A rotação da Terra e as diferenças de temperatura nos oceanos geram um movimento circular contínuo das correntes marinhas. Assim, como se estivesse em um ralo, o lixo plástico flutua em círculos cada vez menores em torno do centro do giro. Campeão em volume, o lixo dos Estados Unidos divide o Atlântico Norte com os resíduos da Europa e o Pacífico Norte com os da Ásia.



A M B I E N T E

A viagem do lixo Plásticos, náilon, isopor: todo o lixo capaz de flutuar é um potencial viajante e colecionador de poluentes. Ao ser levado pelas águas – da chuva, dos rios ou do mar –, logo desaparece de vista. Porém, permanece no ambiente por longo tempo. Caixas e vasilhames se quebram, cordas emaranham, sacolinhas se rompem – e todos os pedacinhos flutuantes prosseguem sua jornada. Por onde passam, deterioram a paisagem, contaminam as águas, causam impactos sobre a fauna e afetam a qualidade de vida.

1 MORRO ABAIXO

Tudo aquilo que se joga fora e não é recolhido tende a descer, a buscar as áreas baixas dos vales, à mercê dos ventos e das chuvas.



Descarte direto

Muita gente no Brasil ainda usa os rios como lixeiras. Descarta tanto embalagens vazias como entulho, móveis, pneus e até veículos inteiros.

2 DESCENDO O RIO

Plásticos descartados nos rios ou carregados por enchentes viajam longas distâncias, de rio para rio, sempre na direção do mar.

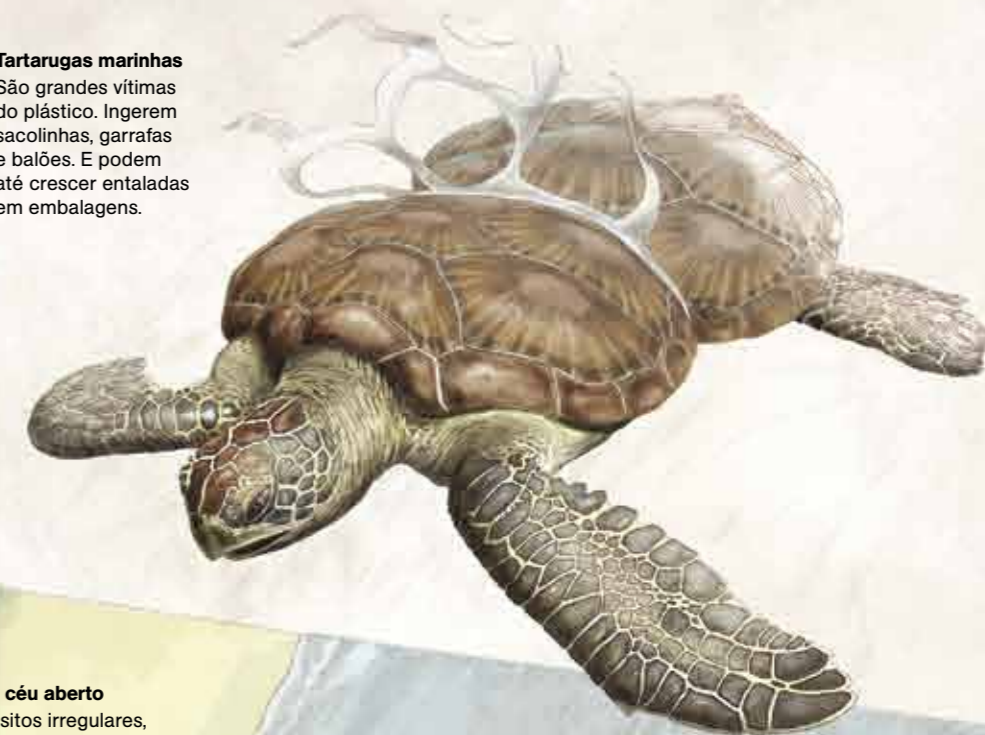
Peixes

O modo de alimentar-se leva algumas espécies – de rio e de mar – a engolir fragmentos de plástico. A morte vem por asfixia ou inanição.



Tartarugas marinhas

São grandes vítimas do plástico. Ingerem sacolinhas, garrafas e balões. E podem até crescer entaladas em embalagens.



Lixões a céu aberto

Os depósitos irregulares, sem tratamento adequado para os resíduos, são fontes importantes de lixo viajante.

Balões de gás

As festas em cruzeiros ou em terra liberam balões de gás, produzindo efeitos espetaculares. Mas logo os balões caem e viram lixo.

Os navios são obrigados a recolher o lixo produzido a bordo e entregar no próximo porto. Mas alguns burlam as regras e jogam tudo no mar.

Fragmentos plásticos

Em pedaços, o plástico é danoso. Em pesquisa no Atlântico Norte, 35% dos peixes-lanterna (de 6 centímetros) coletados tinham comido tais restos.



Lixo em bolinhas

Todo o plástico sai de fábrica em bolinhas (*pellets*) e é transportado em caminhões e navios. Os vazamentos de carga são comuns.

Os pellets soltos invadem rios, mangues e praias. "E já se acumulam há décadas, mesmo em locais remotos", alerta Alexander Turra, da Universidade de São Paulo.



Enchentes

Em cidades castigadas por tempestades, as enxurradas arrastam o que vier pela frente. Levam sacos de lixo e garrafas aos rios.

Aves

Segundo o Projeto Albatroz, as aves marinhas ingerem lixo por engano – no Brasil, sobretudo plástico contaminado, que pode afetar seus ovos.



Lixo na praia

A maré alta leva resíduos deixados nas areias. Parte vai para o alto-mar e parte volta, sujando mangues e estuários.



3 MAR AFORA

Em alto-mar, o lixo flutuante tende a circular com as correntes marinhas por décadas. O plástico fragmenta-se, mas não se degrada nem desaparece.

Redes-fantasma

Duráveis, as cordas náuticas e as redes de pesca perdidas continuam a agir por conta própria, além de dar carona a espécies invasoras.

